

## A VERGONHA OCULTA NA CULPA: UM ESTUDO

Anette Blaya Luz<sup>\*</sup>, Porto Alegre  
Rui de Mesquita Annes<sup>\*\*</sup>, Porto Alegre  
Ana Cristina Pandolfo<sup>\*\*\*</sup>, Porto Alegre  
Carmen Silvia Muratore<sup>\*\*\*</sup>, Porto Alegre  
Nazur Aragonéz de Vasconcellos<sup>\*\*\*</sup>, Porto Alegre

Vivemos num contexto histórico, social, político e cultural em que a vergonha perdeu o caráter de sentimento nobre que tinha há alguns anos, quando a palavra empenhada tinha valor. Desconsiderá-la era motivo para envergonhar-se. Não é esse o retrato da atualidade. Vergonha é um sentimento em desuso, assim como o respeito e a consideração pelo outro.

A vergonha, como fator do vínculo social surge no momento do confronto entre os valores e os ideais do grupo a que o indivíduo pertence ou desejaria pertencer, e a revelação de um segredo que está intimamente associado à sua identidade. A vergonha revela que há uma tensão, entre aquilo que o indivíduo pensava ou desejava ser – o seu ideal – e aquilo que é revelado – o real. Sentir vergonha é descobrir-se menor do que se pretendia ser. Diz Merot (2005): “a vergonha é a sombra da ambição que caiu sobre o ego” (p. 127).

O que chamou a atenção dos autores não foi a falta do sentimento de vergonha que se tem observado nas relações humanas atualmente, mas a dificuldade de distinguir a culpa deste outro sentimento que produz tanto sofrimento psíquico e que muitas vezes concorre para resistência dos pacientes à melhora.

Na literatura, em geral, o sentimento de vergonha é descrito de forma abundante. Na mitologia, encontra-se amplamente presente e, na vida cotidiana, é

---

\* Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

\*\* Psicanalista, Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

\*\*\* Psicanalista, Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

identificado de maneira quase universal. No entanto, na literatura psicanalítica é considerado a Gata Borralheira dentre as emoções humanas desagradáveis, pois tem sido bastante negligenciado quando comparado ao interesse e à atenção dispensados à ansiedade, à culpa e à depressão (Rycroft, 1968).

É importante questionarmos por que um afeto tão significativo dentro da vida mental e tão largamente referido pelos pacientes nos consultórios psicanalíticos não encontrou o mesmo espaço que outros sentimentos. Morrison (1996) sugere que uma das principais razões para a ausência do tema vergonha nas publicações estaria relacionada a aspectos contratransferenciais, já que, conforme o autor, somente a vergonha, e não a culpa, leva o analista a revivê-la, a reexperienciá-la. Uma hipótese possível para explicar tal fenômeno estaria relacionada à falta de investigação psicanalítica da vergonha nas análises dos próprios analistas, quando comparada à extensa interpretação dos sentimentos de culpa em todos os tratamentos psicanalíticos. Assim, a culpa não seria reexperienciada pelo terapeuta. A pouca relevância do tema vergonha na literatura psicanalítica é também evidenciada por sua ausência nos clássicos dicionários psicanalíticos, como Laplanche e Pontalis (1982), ou Burnes Moore; Fine (1968). Consta, no entanto, da lista de verbetes listados no Rycroft (1968) e no Valls (1995).

Após Freud (1905,1908) vários analistas conhecidos trabalharam com aspectos referentes ao tema vergonha: Erikson (1950), Fenichel (1945), Jacobson (1964), Lynd (1958), Sandler; Holder (1963), Feldman (1962), Kohut (1971). Mais recentemente, os estudos do desenvolvimento infantil buscam compreender a forma como a vergonha começa e seu significado no desenvolvimento do mundo interno da criança, bem como seu papel na adaptação desta ao mundo externo.

Algumas idéias em torno da vergonha parecem ter consenso na atualidade. Uma delas é de que tal sentimento é fator do vínculo social – revela-se na presença do outro – e que o conflito básico é a tensão entre o ideal do ego e o ego. (Merot, 2005; Thomas, 1977; Rothstein, 1994).

A partir da idéia de tal conflito básico, buscou-se compreender a metapsicologia da vergonha através da concepção do ideal de ego. O ideal do ego é, por conceito, o herdeiro das exigências e dos delírios de grandeza do narcisismo primário – onipotente e auto-suficiente, correspondente ao ego ideal –, e resultado das identificações primárias com os pais ideais da infância e da sexualidade infantil, predominantemente auto-erótica.

Dessa forma, o ideal de ego organiza-se em estrita ligação com o ego ideal – que tem seu funcionamento ancorado na onipotência máxima do ego e dos pais idealizados – e apresenta-se como uma instância externa, como algo que se coloca diante do ego, como seu ideal e pelo qual é avaliado, medido e criticado no seu desempenho. A partir de então, o ideal será o porta-voz da lei e da moral. Mediante a auto-observação, o superego exigirá do ego que seja como o ideal. O ideal do ego forma-se com a libido narcisista e no vínculo de ser como os pais através das identificações primárias.

Para fins desta reflexão, a questão metapsicológica que se coloca é a de poder diferenciar a vergonha da culpa. A experiência da vergonha parece estar associada à revelação do ser, a algo que confronta com a imagem ideal que o indivíduo tem de si mesmo. A pergunta que faria o ideal de ego ao ego seria: “Mas quem tu acreditavas ser?” (Merot, 2005, p. 1127). É nesse confronto, nessa frustração e decepção que a vergonha ganha amplitude e extensão.

A tensão entre o ideal e o real é vivenciada como uma falha, quando o sujeito reconhece que não é o que pensava ser. A ameaça de desaprovação e desamor surge como consequência pela frustração face ao ideal e aos pais idealizados.

Diferenciar culpa e vergonha costuma ser difícil. Na literatura psicanalítica, desde os tempos de Freud, conceitos como vergonha e culpa aparecem utilizados de maneira confusa, quase como se fossem o mesmo afeto. O trabalho de Freud (1905, 1908) aponta para duas direções distintas quando se refere à vergonha (Rothstein, 1999). A primeira, e mais freqüente, relaciona a vergonha às defesas contra as pulsões sexuais (Freud, 1905; 1908), enquanto a segunda, bem menos freqüente, aponta para defeitos da imagem do self (Id., 1918; 1933).

O sentimento de vergonha, que surge durante o desenvolvimento normal e tem função estruturante, é um dos diques contra a sexualidade infantil, pois estaria a serviço de conter a pulsão de ver. A vergonha seria, então, uma forma de angústia, que surgiria ante a iminência de ver-se despido frente aos objetos ou do desejo de vê-los despidos. Simbolicamente, é a vergonha que surge frente aos chistes grosseiros, aos maus pensamentos ou, ainda, quando as más palavras são ditas. A pulsão de ver na criança está relacionada com a curiosidade sexual infantil, e esta com a pulsão de saber sobre a cena primária e a situação edípica. Dentro disso, está nada menos que o reconhecimento da diferença sexual anatômica. A ansiedade que surge em decorrência desse conjunto de situações emocionais – a de castração – acionará a repressão e a formação do superego enquanto instância. A vergonha, daqui para a frente, terá uma tonalidade edípica e estará relacionada com significados dessa índole ou relativas a essa temática. Talvez resida aí, no trabalho do próprio Freud, a origem da confusão entre os dois conceitos de culpa e vergonha (Miller, 1989). A vergonha, associada à situação edípica, seria um

requisito importante de acesso à cultura. Em 1908, no trabalho *Caráter e Erotismo Anal*, Freud desenvolve mais claramente a idéia de vergonha como formação reativa contra a sexualidade da latência:

Durante a latência sexual formações reativas ou contra-forças, tais como vergonha, repulsa e moralidade, são criadas na mente como barreiras contra a atividade das pulsões sexuais. Freud (1905) entendia a vergonha, preferencialmente, relacionada à função defensiva, como uma formação reativa, intimamente envolvida, portanto, com a resolução edípica, o surgimento do superego e o sentimento de culpa. A vergonha relacionada com questões narcísicas, com auto-imagem defeituosa, com falhas na auto-estima e, principalmente, a que as mulheres teriam por não possuírem um pênis foram pouco exploradas por ele.

Merot (2005) acredita ser fundamental fazer a distinção entre vergonha e culpa. Concorda que a primeira está vinculada à revelação do ser e a segunda aos atos. Enquanto a culpa está diretamente relacionada com o superego, a vergonha relaciona-se com o ideal de ego. A ansiedade envolvida no sentimento de culpa é o medo da castração. Já a ansiedade presente no sentimento de vergonha é o abandono, a rejeição. A castração seria a punição imposta pelo objeto secundário a um ato proibido executado e/ou fantasiado pelo sujeito, algo de cunho sexual ou agressivo. O abandono ou a rejeição seriam as conseqüências temidas pelo sujeito por não ter as qualidades que imagina serem as expectativas do objeto. Para Rothstein (1994), a culpa estaria vinculada aos conflitos associados aos impulsos edípicos, enquanto a vergonha seria resultante das experiências traumáticas precoces.

Erickson (1950), propõe a existência de um potente sentimento de vergonha oculto atrás do sentimento de culpa. Levin, (1967); Lansky, (2005<sup>a</sup>) sugerem que

muito do que é interpretado como culpa, ocultaria um sentimento mais doloroso e primitivo: a vergonha. A culpa estaria sendo excessivamente interpretada, enquanto a vergonha, negligenciada. Algumas das expressões clínicas da vergonha escondida atrás da culpa podem ser encontradas no hábito de, acusar e criticar, em demasia, tudo e todos, como maneira de recuperar o equilíbrio narcísico. Seria a descarga da dor pelo sentimento de vergonha, projetando-o agressivamente no outro, de maneira que esse se sinta falho e defeituoso. Outra expressão clínica que revela o mesmo mecanismo de descarga dessa dor é evidenciada em pacientes que canalizam as cargas agressivas para dentro do superego. Em conseqüência, este passa a direcioná-la contra o próprio self, acusando-o pelo fracasso que gerou a vergonha. Levin (1967), Lansky (2005<sup>a</sup>) propõe que, sendo a vergonha um afeto muito doloroso, o ego adultera sua percepção, reprimindo a consciência deste perturbador afeto: a vergonha. O que é reprimido não é nenhum derivativo do instinto, uma vez que a conflitiva não é instintual. A repressão age sobre a percepção da distância existente entre o que se gostaria de ser e aquilo que se é de fato.

Na clínica com pacientes borderline do tipo drogaditos, anoréxicas ou com conduta anti-social, parece fácil perceber o quanto tentam atrair o terapeuta para a análise dos sentimentos de culpa que apresentam, em função de suas condutas aditivas, mentirosas e psicopáticas. Se o analista ficar restrito ao exame de tais culpas, não atingirá o âmago da questão. Esses indivíduos não sofrem ainda, a exemplo dos neuróticos, de intensos sentimentos de culpa verdadeira por conflitiva interna com seus superegos ou objetos externos. É verdade que alguns são capazes de sentir alguma culpa, mas essa não é capaz de servir de motivação para a mudança de conduta. Faz-se necessário, primeiro, que se interprete e que se auxilie o paciente a enfrentar a profunda dor e a vergonha, provenientes de falhas no

ambiente materno e familiar que fazem com que cresça com a sensação de não ser suficientemente digno ou merecedor de amor por parte do objeto externo.

O exame e a análise da culpa logo quando ela aparece nas falas do paciente só perpetuará a sensação de falsidade que domina a vida desses indivíduos. Antes e mais nada, é a sensação de vergonha pelo abandono e pelo desamparo que deve ser focalizada. Somente após isso é que parece ser útil a análise da culpa.

#### Referências bibliográficas:

ABRAHAM, K. (1920). The narcissistic evaluation of excretory processes in dreams and neurosis. In: *Selected papers on psychoanalysis*. London: Hogarth, 1949, p. 318-322.

\_\_\_\_\_. (1921). Contribution to the theory of the anal character. In: *Selected papers on psychoanalysis*. London: Hogarth, 1949, p. 370-392.

\_\_\_\_\_. (1924). A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders. In: *Selected papers on psychoanalysis*. London: Hogarth, 1949, p. 418-501.

ERIKSON, E. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.

FELDMAN, S. (1962). Blushing, fear of blushing and shame. *Journal Am Psychoanal Ass.*, v. 10, n. 2, p. 368-385.

FENICHEL, O. (1945). *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

FERENCZI, S. (1925). Psycho-analysis of sexual habits. In: *Further contributions to the theory and technique of psycho-analysis*. London: Hogarth, 1953.

FREUD, S. (1905). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 123-252.

\_\_\_\_\_. (1908). Caráter e erotismo anal. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 173-186.

\_\_\_\_\_. (1917). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 157-166.

\_\_\_\_\_. (1918). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-151.

\_\_\_\_\_. (1923). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-83.

\_\_\_\_\_. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 95-201.

\_\_\_\_\_. (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-220.

\_\_\_\_\_. (1938). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 165-329.

JACOBSON, E. (1964). *The self and the object world*. New York: New York University.

KOHUT, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: New York University.

LANSKY, M. (2005a). Hidden shame. *Journal Am Psychoanal Ass.*, v. 53, n. 3, p. 865-890.

\_\_\_\_\_. (2005b). The impossibility of forgiveness: shame fantasies as instigators of vengefulness. *Journal Am Acad Psychoanal.*, v. 53, n. 2. p. 437-463.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEVIN, S. (1967). Some metapsychological considerations on the differentiation between shame and guilt. *Int. J. Psycho-anal.* v. 48, n. 2, p. 267-276.

LOWENSTEIN, R.; KRIS, E. (1962). Notes on the superego. *Psychoanalytic Study Child*, v. 17, p. 42-81.



- LYND, H. (1958). *On shame and the search for identity*. New York: Science.
- MEROT, P. (2005). La vergogna: se un altro venisse a saperlo. *Rivista Italiana di Psicoanalisi*, v. 9, n. 2, p. 123 – 136.
- MILLER, S. (1989). Shame as an impetus to creation of conscience. *Int. J. Psycho-anal.* v. 70, n. 2, p. 231-243.
- MOORE, B.; FINE, B. (1968). *A glossary of psychoanalytic terms and concepts*. New York: The American Psychoanalytic Association.
- MORRISON, A. (1984). Working with shame in psychoanalytic treatment. *Journal of American Psychoanalytical Association*, v. 32, n. 3, p. 479-505.
- \_\_\_\_\_. (1996). *The culture of shame*. New York: Ballantine Books.
- PULVER, S. (1999). Shame and guilt: a synthesis. *Psychoanalytic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 388-406.
- RIESENBERG-MALCON, R. (1999). Two ways of experiencing shame. In: PANEL OF ENVY, JEALOUSY AND SHAME, 41. Santiago: IPAC.
- ROTHSTEIN, A. (1994). Shame and superego. Clinical and theoretical considerations. *Psychoanalytic Study Child*, v. 49, p. 263- 277.
- \_\_\_\_\_. (1999). Shame conceived from the perspective of compromise formation theory. *Psychoanalytic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 332-346.
- RYCROFT, C. (1968). *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SANDLER, J.; ROSENBLATT, B. (1962). The concept of the representational world. *Psychoanalytic Study Child*, v. 17, p. 128-158.
- SANDLER, J.; HOLDER, D. (1963). The ego ideal and the ideal self. *Psychoanalytic Study Child*, v. 18, p. 139-158.
- SHENGOLD, L. (1985). Defensive anality and anal narcissism. *Int. J. Psychoanal.* v. 66, n. 1, p. 47-63.
- THOMAS, H. (1977). *The shame response to rejection*. Sewickley: Albanel.
- VALLS, J. (1995). *Diccionario freudiano*. Madrid: Julián Yébenes.

YORKE, C. (1990). The development and functioning of the sense of shame.  
*Psychoanalytic Study Child*, v.41, p. 377-409.

## Resumo

Os autores se propõem a compreender a metapsicologia da vergonha, tendo encontrada como conflito básico a tensão existente entre aquilo que o sujeito desejava ou pensava ser e aquilo que lhe é revelado como real, ou seja, o conflito entre o ideal de ego e o ego. Este conflito conduz o texto à outra questão: a diferenciação entre culpa e vergonha, tão próximas na clínica e muitas vezes confundidas. Dois vértices são apontados: a vergonha enquanto afeto estruturante, como dique contra a sexualidade infantil, como formação reativa à curiosidade infantil, a principal tese defendida por Freud (1905, 1908), e a idéia da vergonha como sentimento associado a uma falha narcísica, ou seja, a vergonha associada a uma revelação do ser quando medida pelo ideal do ego. A culpa estaria associada ao superego e aos atos proibidos executados e/ou fantasiados pelo sujeito. Sendo tênue a fronteira entre estes sentimentos, examina-se o quanto é comum negligenciar-se a vergonha que possa estar escondida atrás da culpa, e daí a importância de o analista manter sua escuta sensível a este afeto primitivo e tão doloroso.

Descritores: vergonha, ideal de ego, ego ideal, diferença entre culpa e vergonha

Los autores se proponen a comprender la metapsicología de la vergüenza, habiendo encontrado como conflicto básico la tensión existente entre lo que el sujeto deseaba o pensaba ser y lo que se le revela como real: tensión entre el yo ideal y el yo. Este conflicto conduce el texto a otra cuestión: la diferenciación entre culpa y vergüenza.

Surgen dos vértices: la vergüenza como afecto de estructuración, como dique contra la sexualidad infantil, como formación reactiva a la curiosidad infantil - tesis defendida por Freud (1905, 1908) - y la idea de la vergüenza como sentimiento asociado a una falla narcisista, a una revelación del ser cuando medida por el yo ideal. La culpa estaría asociada al superyó y a los actos prohibidos ejecutados e/o imaginados por el sujeto.

Descriptorios: vergüenza, ideal del yo, yo ideal, diferenciación entre culpa y vergüenza.

The authors propose to understand the meta-psychology of shame, having found as the basic conflict the tension existing between what the subjects wished or thought they were and that which is revealed to them as real: a tension between the ego's ideal and the ego itself. This conflict leads to another issue: the differences between guilt and shame.

Two vortices arise: shame as a structuring affection, as a barrier against child sexuality, as a reactive formation to children's curiosity

– a thesis defended by Freud (1905, 1908)-, and the idea of shame as a feeling associated to a narcissistic failure, to a revelation of the being when measured against the ego's ideal. Guilt would be associated to the superego and to the forbidden acts performed and/or fantasized by the subject.

Descriptors: shame, ideal of the ego, ego's ideal, difference between guilt and shame.